

Paisagem patrimonial, afetividade e simbolismos. Experiências vividas no Centro Histórico de Icó, Ceará – Brasil

José Werlon Ferreira de Souza¹

Otávio José Lemos Costa²

Resumo: A interpretação das paisagens culturais pelo ângulo da geografia cultural e humanista propõe o contato direto entre o ser humano e o mundo que o cerca como meio para construção de histórias e significados capazes de expressar afetividade e simbolismo. Assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender as relações afetivas e simbólicas em um contexto dialógico entre os moradores e suas experiências com a paisagem cultural do Centro Histórico de Icó - Ceará. Os resultados deste estudo qualitativo foram alcançados a partir do trabalho de campo realizado na ambiência do sítio histórico da cidade, com a proposição da fenomenologia para extrair das experiências cotidianas dos moradores, as lembranças e vivências capazes de revelar sentimentos e significados. O bem-estar dos habitantes pela paisagem cultural do acervo patrimonial icoense é desvelado através da significação, memórias e simbologia construídas diante das atividades cotidianas realizadas, assim como a construção de valor, mediante a percepção afetiva desse espaço.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Paisagem Cultural; Bem Estar; Simbolismo; Memória.

Paisaje patrimonial, afectividad y simbolismo. Experiencias vividas en el Centro Histórico de Icó, Ceará – Brasil

Resumen: La interpretación de los paisajes culturales vinculados al patrimonio desde la geografía cultural y humanística propone el contacto directo entre el ser humano y el mundo que lo rodea como medio para construir historias y significados capaces de expresar afectividad y simbolismo. Así, el presente trabajo tiene como objetivo comprender las relaciones afectivas y simbólicas en un contexto dialógico entre los residentes y sus experiencias con el paisaje cultural del Centro Histórico de Icó - Ceará. Los resultados de este estudio cualitativo se obtuvieron a partir de un trabajo de campo realizado en el ambiente del sitio histórico de la ciudad, con la propuesta de la fenomenología de extraer de las vivencias cotidianas de los residentes, recuerdos y vivencias capaces de revelar sentimientos y significados. El bienestar de los habitantes a través del paisaje cultural del acervo patrimonial icoense se revela a través del significado, memorias y simbolismos contruidos frente a las actividades cotidianas realizadas, así como la construcción de valor, a través de la percepción afectiva de este espacio.

Palabras-clave: Herencia; Paisaje Cultural; Bienestar; Simbolismo; Memoria.

Heritage landscape, affection and symbolism. Experiences lived in the Historic Center of Icó, Ceará – Brazil

Abstract: The interpretation of cultural landscapes linked to heritage from the perspective of cultural and humanistic geography proposes direct contact between human beings and the world around them as a means of constructing stories and meanings capable of expressing affection and symbolism. Thus, this study aims to understand the affective and symbolic relationships in a dialogical context between residents and their experiences with the cultural landscape of the Historic Center of Icó - Ceará. The results of this qualitative study were achieved from fieldwork carried out in the ambience of the city's historic site, with the proposal of phenomenology to extract from the daily experiences of residents, memories and experiences capable of revealing feelings and meanings. The well-being of the inhabitants through the cultural landscape of Icó's heritage collection is revealed through the meaning, memories and symbolism constructed in the face of daily activities carried out, as well as the construction of value, through the affective perception of this space.

Keywords: Heritage; Cultural Landscape; Well-being; Symbolism; Memory.



Como citar este artigo: Souza, J. & Costa, O. (2026). Paisagem patrimonial, afetividade e simbolismos. Experiências vividas no Centro Histórico de Icó, Ceará – Brasil. *PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, 9(18), e55519. <https://doi.org/10.26512/patryter.v9i18.55519>.

Recebido: 16 de janeiro da 2025. **Aceito:** 19 de abril de 2025. **Publicado:** 01 de março de 2026.

¹ Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará/UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5912-8496>. E-mail: jswerlon@gmail.com.

² Professor associado dos cursos de graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará/UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8354-442X>. E-mail: otavio.costa@uece.br.

1. Introduçãoⁱ

Ao buscar interpretações associadas aos significados das paisagens culturais para os moradores da cidade de Icó através das experiências vividas no acervo patrimonial, abre-se espaço para discutir a paisagem na geografia cultural, onde prolifera um amplo diálogo por intermédio de várias perspectivas. Ao trazer o conceito de paisagem no âmbito da Geografia cultural americana, Carl Sauer (1998) a coloca como resultado das modificações humanas em um espaço natural.

Posteriormente, no movimento de renovação dos estudos culturais, a “Nova Geografia Cultural” concedeu a paisagem uma dimensão simbólica, articulando os significados atribuídos aos símbolos diante da interpretação e percepção pessoal de cada indivíduo. Entremeados aos estudos da geografia cultural, a perspectiva humanista vai buscar esteio na filosofia fenomenológica, onde a paisagem passa a ser interpretada enquanto vivência, a partir dos significados para o indivíduo diante das experiências nesses locais, considerando não apenas a percepção do sujeito, como lembranças, imaginação e sensações (Melo, 2001).

A paisagem cultural, chancelada pelo Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2009, como um instrumento de preservação do patrimônio cultural, composta por bens materiais e imateriais, repletos de cultura e história, se apresentando na perspectiva de Felipe (2016) como a solidificação das experiências humanas em determinado espaço, constituído de valores por meio da percepção afetivas aliadas as vivências desenvolvidas pelas pessoas nesses espaços.

Nesse contexto, a proposição para este estudo é compreender a lógica dos valores atribuídos às paisagens culturais, considerando sua categorização como instrumento da política patrimonial, buscando entender em termos de uma percepção emitida pelos moradores aos significados simbólicos existentes no sítio histórico da cidade de Icó, concebidas por meio das experiências afetivas e de pertencimento, conjugando assim laços de familiaridade e proximidade que os mesmos têm com o lugar.

Considerando a fenomenologia como filosofia para buscar entender como os fenômenos se mostram a partir das experiências humanas (Bello, 2006), se torna fundamental para compreender a seguinte questão: Quais as relações afetivas e simbólicas construídas pelos moradores de Icó por meio das experiências vividas no centro histórico da cidade? Assim, a discussão terá ênfase no entendimento dos valores afetivos e simbólicos dos

habitantes com as paisagens culturais, sendo fundamental para compreender como se articulam os significados, memórias e sentimentos dos moradores a partir das experiências vividas no Centro Histórico de Icó.

Partindo dessa ideia, o estudo tem como objetivo compreender as relações afetivas e simbólicas em um contexto dialógico entre os moradores e suas experiências vividas com a paisagem histórica da cidade de Icó – Ceará. A partir disso, apresenta-se como objetivos secundários interpretar os significados colocados pelos moradores à cidade de Icó por meio das vivências cotidianas, bem como identificar os lugares do Centro Histórico de Icó que potencializam o bem-estar dos moradores e conhecer as memórias dos moradores de Icó nos quais expressem a afetividade pelas paisagens culturais.

Assim, o caminho para alcançar as respostas vinculadas a afetividade e o simbolismo dos moradores de Icó pelas paisagens culturais do seu centro histórico envolve uma atitude fenomenológica, ao permitir, nas palavras de Marandola Jr (2005, p. 73) buscar a “[...] experiência enquanto fenômeno, permitindo que ela re-vele-se tal como ela é em si mesma”, sendo denominada por Edmund Husserl como “arqueologia fenomenológica”.

Ao considerar a abordagem geográfica fenomenológica como a “ciência das essências”, Marandola Jr (2014, p. 204) acrescenta que o seu principal objetivo seria o de “buscar a essência tal como aparecem na experiência geográfica”. Assim, articula-se a abordagem qualitativa ao considerar sua preocupação, nas palavras de Almeida (2020, p. 40) em “[...] retratar a experiência humana em termos experienciais”, onde na investigação da realidade, o pesquisador, também visto como observador, tem a capacidade de interpretar e atribuir qualidade aos fenômenos.

A pesquisa qualitativa é um meio possível para estudos nos quais adotam o método fenomenológico ao procurar analisar um fenômeno situado em um espaço no qual é parte da realidade social, buscando, nas considerações de Minayo (2016, p. 20) “[...] pensar sobre o que faz e [...] interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes”. Nesse contexto, dialogando com o método fenomenológico e com a pesquisa qualitativa, os procedimentos utilizados para desvelar os significados afetivos e simbólicos dos moradores com as paisagens culturais icoense serão explicados a seguir:

Para revelar os significados em questão, o primeiro passo desenvolvido consistiu na construção do arcabouço teórico e documental do estudo, buscando autores que discutam sobre a temática a ser pesquisada. Além disso, foi realizada uma análise dos documentos nos quais regulamentam a criação e a preservação do patrimônio histórico em escala mundial, nacional e local.

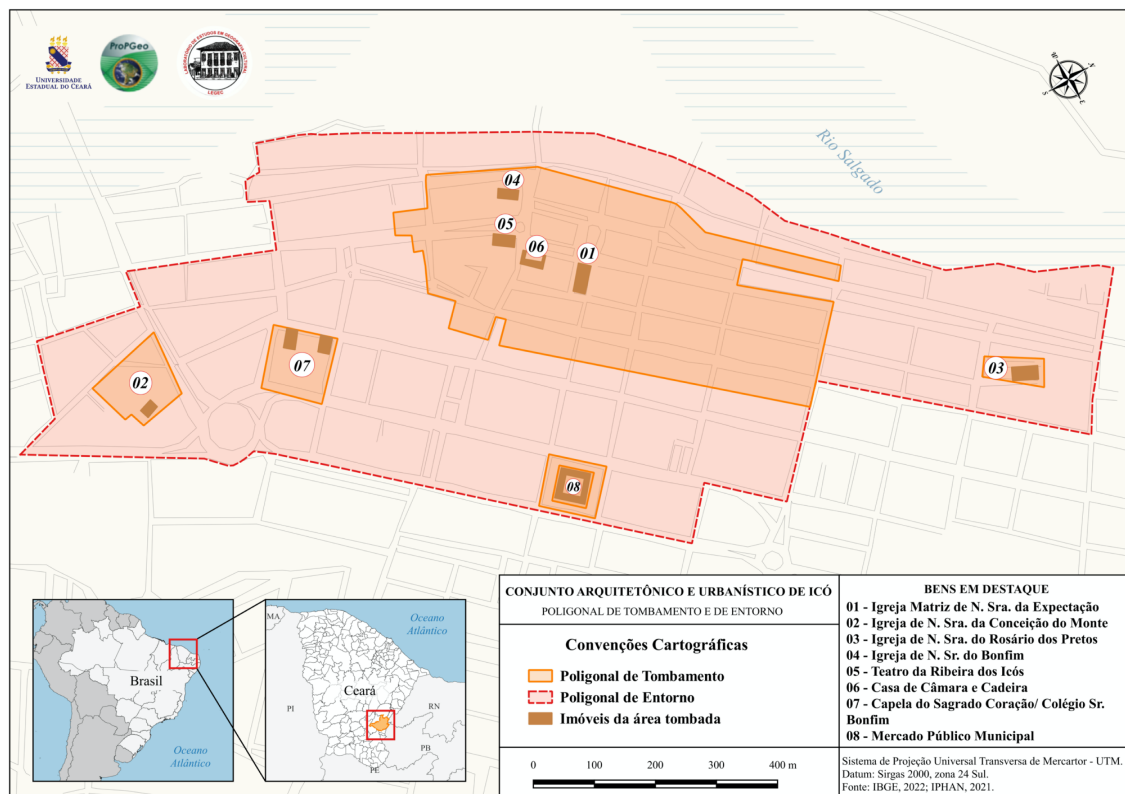
Na continuidade da pesquisa, a segunda etapa realizada foi o trabalho de campo, etapa fundamental do estudo associado à fenomenologia, por levar o pesquisador, nas ideias de Marandola Jr (2014, p. 210) a entrar “[...] em contato direto com o mundo, levando-nos a conhecer (relacionar-se) os existentes (experiências singulares) ao mesmo tempo em que temos, nós mesmos, a experiência do objeto de investigação.

Assim, sobre as ideias da experiência fenomenológica e da pesquisa qualitativa, o trabalho de campo foi realizado na poligonal definida pelo Iphan enquanto área tombada, como apresenta a figura 1, contemplando de forma conciliada a realização de “caminho de andarilho e de um conversante” (Marandola Jr, 2008), a observação participante, entrevistas semiestruturadas não diretivas associada a história de vida (Minayo, 2016).

As experiências de campo em Icó serão iniciadas com o caminho de andarilho e de um conversante, onde o pesquisador irá percorrer o espaço patrimonial da cidade tentando dialogar com os moradores sobre as histórias, memórias, significados e afetos existentes com as paisagens culturais deste local, procedimento este definido por Marandola Jr (2003, p. 10) como “[...] uma prática andante em busca de diálogos, conversas, expressões”, na qual o percurso é definido antecipadamente”.

Concomitante a caminhadas pelo sítio histórico de Icó, a observação participante contemplará o envolvimento do pesquisador nas práticas cotidianas desenvolvidas pelos moradores no espaço patrimonial icoense, buscando a compreensão das principais atividades que potencializem o bem-estar e o simbolismo pelas paisagens culturais. Nesse contexto, o observador participante ganha importância na pesquisa fenomenológica, quando o pesquisador vivencia internamente o fenômeno, como destaca Marandola Jr (2005, p. 77) ao comentar as práticas que transformam o investigador de “[...] outsider para insider, num processo de envolvimento gradual que culmina com uma descrição e interpretação bastante rica em conhecimento vivencial [...]”.

Figura 1
Poligonal do Centro Histórico de Icó – Ceará.



Fonte: elaboração própria, 2024.

Na continuidade da pesquisa, após as experiências de campo, foi utilizado como método de organização e avaliação das informações coletadas a “análise de conteúdo”, na qual se estabelece, conforme Chizzotti (2013, p. 98) como uma técnica que “[...] se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um documento”, tendo como objetivo a compreensão dos diversos significados nos quais constituem a realidade envolta do fenômeno investigado.

Finalizando as etapas da pesquisa, tendo por base as leituras de autores e documentos nos quais discutem e estão associadas ao estudo, as experiências desenvolvidas em campo, a análise das informações obtidas e as reuniões de orientação, a escrita do trabalho de forma direta sobre o simbolismo e a afetividade dos moradores de Icó com as paisagens do seu sítio histórico.

O desenvolvimento da pesquisa em questão torna-se relevante no momento em que os estudos tem como perspectiva principal a compreensão daquilo que concerne sobre os locais do espaço patrimonial nos quais despertam o sentimento de bem estar dos moradores, assim como revelar os significados através das memórias dos habitantes da cidade para com as paisagens culturais do patrimônio da cidade por meio das vivências cotidianas, abrindo a possibilidade de afirmar, reafirmar e/ou resgatar os vínculos entre os habitantes de Icó e o patrimônio histórico.

Considerando ainda o olhar fenomenológico para entender a afetividade e o simbolismo dos moradores pelas paisagens do patrimônio histórico de Icó, o estudo da temática é relevante para reconhecer os significados do que é viver em Icó para os moradores por meio das vivências cotidianas no espaço patrimonial, acrescentando novas possibilidades às lacunas existentes sobre o assunto, assim como agregar novas perspectivas e interpretações ao objeto em questão.

As ideias apresentadas a seguir iniciarão com as contribuições teóricas e documentais para o estudo em questão, seguindo com o olhar dos moradores associadas a afetividade e o simbolismo dos moradores através das experiências e memórias desenvolvidas no Centro Histórico de Icó, nos quais contribuem para a formação do sentimento de bem-estar.

2. A paisagem enquanto experiência em áreas patrimoniais: Diálogo entre simbólico, memória e afetividade

Ao contextualizar a paisagem das áreas patrimoniais considerando a ótica da análise

geográfica como meio para chegar ao simbólico, a memória e a afetividade, o diálogo seguirá as proposições do estudo deste conceito vinculado à geografia cultural e com as proposições do método fenomenológico, nas quais colocam a experiências vividas nas paisagens como elemento central para entender a importância e os significados conferidos a ela (Vasconcelos, 2022).

A paisagem, passa a ser compreendida inicialmente tomando como base os pressupostos da geografia cultural, ao receber uma importante contribuição de Carl Sauer, no texto “morfologia da paisagem”, publicado em 1925, passando a utilizar a ideia de ‘paisagem cultural’, ao percebê-la como uma área dotada de significados construídos através das modificações impostas pelos seres humanos. (Sauer, 1998). Nesse contexto, a geografia não deveria se preocupar, conforme Sauer (1998, p.57) “[...] com a energia, costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem”, onde o conceito sob a ótica saueriana estava voltada para a valorização das formas materiais, sobretudo aquelas das civilizações mais antigas.

As discussões relacionadas à paisagem no âmbito da Nova Geografia Cultural se consolidaram pela abordagem deste conceito considerando o “simbólico” como perspectiva de análise geográfica, na qual abrange os estudos voltados para as representações, significados e valores responsáveis por criar uma identidade construída socialmente e expressa espacialmente (Zanatta, 2008). Assim, o conceito em questão passa a ser visto, nas palavras de Corrêa e Rosendahl (1998, p.8) como “portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica”.

No âmbito dos estudos culturais, Cosgrove (2004) acrescenta que a paisagem é interpretada enquanto simbólica, ao considerá-la como resultado da transformação da natureza pelos seres humanos, passando a ser mais do que uma forma visível, ao ser considerada como um texto, onde cada palavra ou expressão representa um significado diferente para as diversas culturas nas quais se propõem a compreendê-la, reforçando a ideia de “polivocalidade”.

A relação existente entre ser humano e paisagem, abre a possibilidade de entender sua ligação com a memória, buscando, nas ideias de Costa (2008) uma identidade das pessoas com a paisagem, sendo possível, nas ideias do próprio autor (2008, p. 151) “[...] identificar trajetórias de vida e marcos com expressivos significados simbólicos”. Nesse sentido, a paisagem se constitui de histórias e discursos, individuais e coletivos, nos quais revelam memórias e valores construídos ao longo do tempo, como

também o diálogo entre estas, possibilitando a construção ou fortalecimento de uma identidade (Torres, 2013).

No mesmo período de avanço dos estudos da geografia cultural, a paisagem passa a receber contribuições da geografia humanista, na qual apoia-se no método fenomenológico. Essa abordagem geográfica aparece como crítica à análise espacial ao privilegiar as reflexões sobre o comportamento humano, colocando o foco, segundo Norton (2000, p. 206)ⁱⁱ “nas experiências humanas e na expressão simbólica”, direcionando suas investigações por meio da percepção, considerando a conduta das pessoas como resultado do entendimento subjetivo do mundo (Norton, 2000).

O desenvolvimento dos trabalhos da geografia humanista privilegia o método fenomenológico, destacando a relevância da subjetividade humana, ao propor, conforme Holzer (2012, p. 169) “[...] uma descrição rigorosa do mundo vivido na experiência humana e, com isso, por meio da intencionalidade, reconhecer as ‘essências’ da estrutura perceptiva”. Nesse contexto, Buttimmer (1974, p. 42)ⁱⁱⁱ destaca que o mérito dessa filosofia está em alcançar a “[...] totalidade de um ser que chega à consciência por meio da percepção, pensamento, símbolo e ação”.

No contexto da ciência geográfica, o campo humanista seguindo as proposições da filosofia fenomenológica tem esteio nos trabalhos de Eric Dardel, Edward Relph e Yi Fu Tuan, entre outros, atribuindo a paisagem uma perspectiva que considera, no olhar de Ribeiro (2007, p. 23) “seu caráter simbólico e subjetivo”. Assim, o conceito sobre o olhar humanista, representa mais do que o visível, passa a contextualizar, no olhar do mesmo autor (2007, p. 24), “[...] valores humanos, definindo relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio”, onde os seus atributos estéticos são considerados uma criação simbólica, na quais refletem o comportamento humano.

O método fenomenológico ao considerar que sujeito e objeto devem ser refletidos de forma associadas, aponta que a paisagem e ser humano devem ser compreendidos conjuntamente, ou melhor, o fenômeno em sua realidade. Nesse cenário, entender o conceito nessa linha, significa, na perspectiva de Salgado (2017, p. 48) “concebê-la não como abstrata, objetiva, neutra, independente dos elementos que com ela se relacionam, mas como experiência dada através dos sentidos: como vivida”. Ainda dialogando com a geografia humanista, Marc Besse (2014) delinea em seus escritos a ideia de paisagem associada à noção de bem-estar, envolvendo o conceito ao sentido da existência humana por meio das necessidades indispensáveis

para satisfazer o que é preciso para viver bem. Nesse contexto, a paisagem foge da perspectiva contemplativa e passa a considerar o que é preciso para viver bem, estando nas ideias de Besse (2014, p. 246) “[...] profundamente envolvida no valor de nossa vida, em nossa maneira de estar no mundo e de habitá-lo”.

O bem-estar é vinculado, na proposta de Besse (2014) à realização das necessidades de todas as naturezas, as quais se torna possível alcançar o estado de saciedade e plenitude. Nesse contexto, o bem-estar pela paisagem está relacionado, no olhar do mesmo autor (2014, p. 245) a “[...] descrição das necessidades às quais a paisagem pode responder [...]”, podendo ser biológicas, como políticas, sociais, simbólicas, afetivas e espirituais.

Nas experiências criadas com a paisagem vinculadas à noção de bem-estar, sua identificação pode acontecer pelas diversas formas nas quais é possível envolvê-las, definido por Besse (2014, p. 249) como o “o visual, o tátil, o olfativo, o sonoro”, contribuindo assim para sair da ideia da paisagem centrada apenas no campo visual, mas passa também pelos diversos níveis de elementos sensoriais envolvidos na percepção humana.

A paisagem possibilita o desenvolvimento de experiências individuais ou coletivas, nas quais estão abertas a outras pessoas por meio das “reflexões, sensações e percepções” (Casalarde, 2007, p. 36), ao ser considerado como uma construção coletiva, marcada pela junção de experiências, tendo os significados modelados pelas memórias coletivas e individuais.

Assim, é possível perceber a paisagem como um produto social ao longo do tempo, onde as pessoas buscam compreender seus significados através de um contexto histórico, vinculado às experiências e visões do homem com o espaço. Nesse contexto, o conceito expressa a construção dos significados das pessoas com o espaço vivido, transformando-se em uma rede de símbolos, sendo estes responsáveis por representar os aspectos de uma cultura, evidenciando seu passado, presente e futuro (Salgado, 2017).

Ao fugir da visão da paisagem associada ao olhar, a construção do seu significado ocorre através dos discursos, representações e mitos veiculados pela sociedade, nos quais são modificadas por meio da percepção, onde o conceito é constituído, no olhar de Collot (2012, p. 11) pelo “[...] espaço percebido [...] aspecto visível, perceptível do espaço”.

A paisagem se consolida como um ‘pensamento’ sobre o que está além, um encontro real com o que vem em direção às pessoas, o experimentar do que está ‘além’, uma forma de conhecer o mundo (Lage,

2018). Nesse contexto, o conceito aparece, no olhar de Besse (2014b), como uma “área de contato”, capaz de estabelecer de forma rápida um cruzamento entre o mundo e o pensamento.

Colaborando com a proposta na qual percebe a paisagem como uma representação do contato direto entre o ser humano e o mundo, Besse (2014a) propõe a ideia que coloca as paisagens próximas a nós, onde é possível construir constantemente contato com ela, conseguindo nos envolver, sendo estas aproximações com as paisagens, a experiência responsável por formá-la.

No campo da fenomenologia, a paisagem pode ser abordada, na perspectiva de Besse (2014b) como um modo de pensar, de perceber, conferindo ênfase à dimensão mental dos seres humanos, apresentando assim uma relatividade, ao considerar que ela é formada através do que pensam, percebem e dizem sobre ela, representando uma ligação, no olhar do mesmo autor (2014b, p. 13), “entre ele mesmo e o mundo”, produzindo sua paisagem de modo individual.

Assim, ao considerar a paisagem eivada de significados construídos através da relação entre o homem e o meio, valorizando a percepção, e fortalecendo os vínculos afetivos com o lugar, revela-se a possibilidade de pensá-la enquanto patrimônio, como coloca Salgado (2017, p. 127) ao enfatizar “[...] que uma sociedade se reconhece ‘dentro’ de uma determinada paisagem, ou seja, se identifica com a mesma, esta passa a possuir uma forte carga simbólica, característica intrínseca dos bens patrimoniais”.

A partir das experiências fenomenológicas desenvolvidas cotidianamente pelos cidadãos no espaço do patrimônio cultural, pode-se interpretar os sentidos atribuídas às paisagens culturais, destacando, no olhar de Vital (2017, p. 86) “[...] as relações construídas pelos habitantes da cidade, [...], possibilitam torná-los recordadores do presente, pois o ato de lembrar não se traduz em reviver, mas de refazer a experiência vivida no lugar”.

A paisagem cultural, item disposto como elemento da política de preservação patrimonial, aparece como item inserido nas paisagens, sejam urbanas ou rurais, apresenta localização fixa por um longo período de duração, e na medida que se consolida como espaço provido de valor simbólico, transforma-se em um meio fundamental de propagação de ‘valores, crenças e significados’, nos quais manifestam função importante na construção e manutenção de paisagens urbanas, “dotados de valor e simbolismo” (Vasconcelos, 2022, p. 78).

As discussões vinculadas à paisagem cultural passou a ser desenvolvida em 1992, com o

reconhecimento da UNESCO como categoria patrimonial, ao contemplar no olhar de Gement e Carvalho (2014, p. 1) as relações do “[...] do homem com o meio em que vive”. Assim, a paisagem foi levada ao âmbito da preservação patrimonial através da valorização do que é visto e percebido, além do ‘apelo ao passado’ levando a história única na qual se constituiu este lugar. (Almeida, 2006) Em âmbito nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2019, p. 18) define a paisagem cultural como “uma espécie de selo de qualidade, um instrumento de reconhecimento do valor cultural de uma porção definida do território nacional, que possui características especiais na interação entre o homem e o meio ambiente”.

O patrimônio cultural passa a ganhar destaque em 1972, na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, no qual foi alocado em três categorias” monumentos, sítios e conjuntos”, consolidando a ideia do conceito a bens importantes para uma sociedade a ponto de serem protegidos. (Rodrigues, 2017) A declaração do México, publicada na Conferência Mundial da Unesco sobre o patrimônio cultural, corrobora com a definição ao indicá-lo como um “conjunto de valores que dão sentido à vida, [...], as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a literatura, as obras de artes e os arquivos e bibliotecas”.

O patrimônio tem como objetivos a garantia da manutenção das formas materiais e imateriais construídas no passado, a articulação de valores e significados aos elementos em um momento específico, assim como a ativação de memórias contra o esquecimento. Nesse contexto, o “patrimônio cultural” é visto como uma reunião de expressões ou objetos produzidos pelas pessoas ou recebeu como herança histórica, onde os seus elementos são responsáveis por afirmar a identidade de um povo, por isso chamados de “bens culturais” (Pereiro, 2006).

A Constituição Federal, em seu artigo nº 216, estabelece que o reconhecimento de um patrimônio não perpassa diretamente pela lei, mas pelo reconhecimento como revelador de determinada cultura, as ações desenvolvidas pela sociedade com a perspectiva de receber o legado do passado e guardar as gerações futuras. (Freire, 2019) Nesse contexto, o processo de tombamento seria a proteção por lei, nas esferas municipal, estadual e federal (Flores & Boch, 2010).

Ao considerar que o patrimônio cultural possui uma “energia formativa”, Freire (2019) destaca que a sua manutenção ativa está vinculada à relação

desenvolvida com o ser, onde a sedimentação das experiências humanas nos bens culturais contribui para que esta seja o reflexo do seu povo. Assim, o bem cultural é composto por uma “percepção afetiva”, estabelecido através do contato dos seres humanos com o mundo dos valores, onde a valoração afetiva é formada, no olhar de Freire (2019, p. 88) por meio das “[...] vivências dos moradores com o bem tombado [...]”, sendo responsável por torná-lo um patrimônio cultural.

Costa (2012) articula a noção de patrimônio aos valores atribuídos pelas pessoas a esses espaços, nas quais podem ser subdivididas em quatro categorias, como mostra o próprio autor (2012, p. 23) ao comentar que o valor atribuído ao termo podem ser “[...] cognitivos (bens como suporte do conhecimento histórico); valores formais (propriedades físicas dos objetos – técnicas arquitetônicas); valores afetivos e pragmáticos (resultam da relação afetiva que os grupos têm com os objetos e o valor de uso que esses objetos tenham”.

Os valores simbólicos e afetivos do sítio histórico a serem refletidos é o de Icó, município localizado na mesorregião Centro Sul do estado do Ceará, fundado em 04 de maio de 1738, é subdividido em seis distritos: Icó (sede), Cruzeirinho, Icozinho, Lima Campos, Pedrinhas e São Vicente (ICÓ, 2023). A origem da palavra Icó é originária da língua Tupi, que significa “Água ou Rio da Roça”, relacionado ao imaginário da paisagem atribuída pelos povos originários que habitavam o lugar com o Rio Jaguaribe e Salgado, que cortam o município (Arruda, 2021).

O processo de tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Icó foi realizado no ano de 1998, homologado pela Portaria nº 237, de 10 de julho de 1998, do Ministério da Cultura, ratificado pela Portaria nº 33, de 5 de maio de 2015, do Ministério da Cultura, onde passou a ser considerada patrimônio cultural, concentrando os bens nos quais apresentam valor em seu traçado urbanístico, ainda construído sobre os ditames da Coroa Portuguesa no século XVIII.

Entre as edificações tombadas no sítio histórico de Icó, estão: o Teatro da Ribeira dos Icós, o Sobrado do Canela Preta, a Casa de Câmara e Cadeia, o Largo do Theberge, a Igreja Matriz Nossa Senhora da Expectação, a Igreja Nosso Senhor do Bonfim, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, e a Igreja Nossa Senhora da Conceição do Monte, edificações que apresentam uma beleza cênica, contribuindo assim para que a cidade recebesse a alcunha de Princesa dos Sertões, em menção aos elementos de um “barroco sertanejo” presentes na

arquitetura (Arruda, 2021). A figura 2 apresenta as principais formas materiais presentes no Centro Histórico da cidade.

Na discussão vinculada ao patrimônio, utilizar a paisagem cultural como categoria permite pensar não apenas na preservação da estrutura arquitetônica, como também pela dimensão simbólica, expressa através da valoração afetiva e memória construída por meio das experiências vividas, na qual a percepção seria o cerne da interpretação e leitura das paisagens. Assim, Besse (2014) irá evidenciar que a paisagem apresenta os seres humanos, seus discursos e olhares, onde a sua perspectiva de estudo envolve a análise de uma “forma de pensamento ou percepção subjetiva”, manifestada geralmente, no olhar do mesmo autor (2014, p. 14) como “uma expressão humana informada por códigos culturais determinados (discursos, valores etc.)”.

A leitura e interpretação da paisagem cultural inserida no espaço patrimonial experienciada por meio do viés perceptivo, contribui para a construção de valoração, reflexões e memórias com esse espaço (Freire, 2019). Assim, considerando esse cenário, as paisagens ao produzir memórias, conduz as pessoas a lugares e histórias, responsáveis por encontrar a si próprio, aparecendo como uma paisagem, no olhar de Silva (2020, p. 247) “[...] que não se replica, mas que imagina”.

A memória, ao ser contextualizada pela filosofia fenomenológica está vinculada, no olhar de Ricoeur (2007) às lembranças daquilo que é feito, experimentado ou aprendido em uma situação particular. A partir dessa perspectiva, aparecem os “lugares de memória”, contextualizado por Pierre Nora e definido pelo mesmo autor (1997) como uma unidade composta por significados, transformado por meio da vontade humana ou trabalho do tempo em “[...] elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer”, articulados também ao “lugares de história”, onde memória e história surgem, nas palavras de Pesavento (2008, p. 4) como “narrativas do passado”, nas quais expressam uma falta, reorganizando elementos de uma temporalidade que não existe mais.

O patrimônio cultural ao aparecer como a herança cultural do passado que permanece no presente, transmitida para as gerações futuras, estabelece um diálogo com a memória através da possibilidade de recordar o que já aconteceu, se estabelecendo como uma convocação do passado, na qual tem a função, no olhar de Rodrigues (2017, p. 4) de “[...] (re)memorar acontecimentos mais importantes [...]”.

Figura 2
Mosaico de fotos das formas materiais presentes no Centro Histórico da cidade.



Fonte: Elaboração Própria, 2024.

O processo de formação de memória possibilita a construção e a reconstrução dos vínculos identitários, sendo este articulado aos significados postos as experiências de um povo, baseado nos seus aspectos culturais. Para além da sua relevância na criação de identidade, a memória, por meio do seu passado coletivo, apresenta a capacidade de agregar membros a um grupo e de viabilizar laços afetivos (Durso, 2023).

Com um caráter político, no qual envolve disputas e conflitos, a memória aparece vinculada ao patrimônio cultural, ao abrir a possibilidade de apontar os 'bens culturais' que precisam ser conservados, recordados e os que necessitam ser ocultados. Neste sentido, ao se estabelecer como espaço repleto de memórias, as áreas patrimoniais apresentam a capacidade de reafirmar os sentimentos de afetividade e pertencimento a uma cultura ou grupo social (Durso, 2023).

As paisagens culturais nas quais se apresentam como instrumento da política patrimonial ao serem contextualizadas pelos moradores como espaço vivido, permitem a construção da memória desses locais vinculados aos sentimentos, experiências individuais ou coletivas, sendo responsável por

formar, nas palavras de Vital (2017, p. 85) “[...] os sentidos de pertencimento, de inserção espacial, os laços identitários”, responsáveis por manter viva as lembranças dos moradores e podem vir à tona por meio, na fala do mesmo autor (2017, p. 85) “[...] através do olfato, do nosso paladar de nossa audição e da imagem guardada em nossa memória”.

No próximo tópico, serão contextualizadas as principais falas e narrativas dos moradores de Icó com relação ao Bem-estar e a afetividade pelas paisagens patrimoniais do Centro Histórico de Icó, articulando com as memórias, o pertencimento e o simbolismo das pessoas para com este espaço.

3. O bem-estar e o simbolismo dos moradores pelas paisagens culturais do Centro Histórico de Icó – Ceará.

No âmbito da geografia cultural e da geografia humanista, a paisagem abrange concepções ligadas ao simbolismo, à memória, como também o bem-estar, o pertencimento e a afetividade, nas quais são construídas por meio das experiências vividas das pessoas em determinados espaços.

Para uma melhor da compreensão desse sentido de bem-estar das paisagens culturais do acervo patrimonial, durante alguns dias, foi possível observar o cotidiano dos moradores, assim como dialogar com os mesmos que vivenciam esse espaço com o objetivo de compreender os significados e memórias que expressem o bem-estar e o simbolismo. Esse procedimento metodológico teve como incentivo as proposições estabelecidas por Schama (1996) afirmando que devemos buscar uma “escavação feita abaixo de nosso nível de visão convencional com a finalidade de recuperar os veios de mito e memória existentes sob a superfície” (Schama, 1996, p. 25).

No trajeto percorrido e a conversa com os moradores, foi possível ouvir histórias nas quais manifestam o bem-estar destes a partir da imaterialidade do espaço vivido, como apresenta as narrativas dos entrevistados A, D e H:

“A primeira TV do município de Icó chegou na minha casa, juntou muitos meninos aqui para assistir. Eu fazia sequilhos, muitas comidas para vender na barraca da festa do Nosso Senhor do Bonfim, no final do ano. Também construía as lapinhas, que enfeitavam a casa. Tenho muita saudade do meu povo”. (Entrevistada A).

“A festa do Nosso Senhor do Bonfim é o momento mais inesquecível e lindo do Icó, o movimento de pessoas é grande, aproveito todo da minha calçada”. (Entrevistado D)

“A gente fica sentado na calçada até as 9 da noite, esperamos o vento do Aracati. Icó é uma cidade quente, o Aracati é o nosso vento”. (Entrevistado H)

As expressões de memórias relacionadas às práticas cotidianas revelam que o bem-estar pelas paisagens pode ser construído também através das práticas da vida social, constituídas como patrimônio imaterial, onde os “bens intangíveis” se apresentam, no olhar de Almeida (2022) como símbolos repletos de significados para estes sujeitos, capazes de consolidar o pertencimento e a identidade destes com o espaço vivido.

As recordações colocadas referentes aos hábitos cotidianos reafirmam a presença da imaterialidade no patrimônio material, assim como articula o desenvolvimento do bem-estar, onde o gosto pelas paisagens está associado as pessoas se sentirem bem, sendo assim, capaz de responder às necessidades humanas atreladas às questões biológicas, afetivas, simbólicas e espirituais, reafirmando a complexidade da paisagem na experiência humana (Besse, 2014).

Em seu caráter político, a memória está articulada ao patrimônio, consolidando os espaços nos quais devem ser preservados e lembrados. Nesse contexto, a imaterialidade presente nas narrativas referentes às práticas cotidianas ocorridas no patrimônio edificado da cidade, confirma, através da perspectiva de Vital (2017) a capacidade de construir memórias por meio das experiências, individuais ou coletivas, desenvolvidas no espaço vivido, onde mesmo com o passar do tempo, permanecem no pensamento dos seus habitantes.

Diante da política patrimonial, os relatos colocados pelos moradores da cidade no contexto do Centro Histórico, abrem a possibilidade de atribuir valor e significado ao passado vivido. A partir disso, as vivências desenvolvidas e as lembranças construídas pelos moradores na área patrimonial, consolidam as memórias como ‘ações simbólicas’ repletas de significados, legitimando o patrimônio como o ‘lôcus’ da memória e simbolismo (Durso, 2023).

A socialização das memórias pelos moradores, demonstra a capacidade deste espaço patrimonial em acumular histórias, nas quais podem ser relembradas e repassadas entre as gerações, construindo simbolismo e afetividade, se constituindo como uma forma simbólica espacial, repletas de significados e pertencimento por essa área, na qual é vivida cotidianamente (Silva, 2017).

O diálogo envolveu também a ideia do que seria viver no espaço patrimonial da cidade, onde os moradores responderam:

“Uma maravilha, acho Icó tão bom, e agora que a cidade cresce, ficou ainda melhor”. (Entrevistada A)

“É simplesmente tudo, uma satisfação imensa, por toda a historicidade construída ao longo dos séculos. Os nossos antepassados deixaram um legado gigantesco para a sociedade que veio a se constituir”. (Entrevistado B)

“Sinto como se fosse um presente ter nascido e vivido, sentir essa arquitetura que é super envolvente, é como se tivesse respirando a história”. (Entrevistado C)

“É muito bom, gosto muito, todas as pessoas conhecidas e lugares históricos”. (Entrevistado D)

“Morar numa cidade histórica e onde meus pais moraram é muito significativo”. (Entrevistado E)

Diante das narrativas dos moradores, viver em uma cidade reconhecida como patrimônio, representa estar inserido em uma paisagem construída ao longo dos séculos, onde os bens

culturais, sejam materiais ou imateriais, enunciam uma paisagem preenchida por significados simbólicos e carregados de uma identidade que muitas vezes são (re)construídos por uma memória, engendrando assim imaginários que se conjugam com o patrimônio edificado, deixando um legado para a sociedade constituída posteriormente, na qual a história da cidade está registrada e pode ser contada através dos monumentos presentes no Centro Histórico.

As respostas dos moradores sobre o sentido de viver em Icó, colocam as paisagens culturais do Centro Histórico de Icó como repletas de histórias, onde a memória aparece na arquitetura existente, regulamentada pelo Iphan, contribuindo para que esta possa apresentar o passado e declarar o presente. Assim, pela percepção dos mesmos, viver no espaço patrimonial local eivado de histórias, possibilita a compreensão de uma paisagem com elevado valor simbólico, nos quais remetem o passado.

Com relação aos significados do Centro Histórico de Icó para os seus moradores, os entrevistados B, C e H colocaram as seguintes questões:

“Icó é para mim a princesa do sertão, um museu a céu aberto, que nos inspira todo dia a viver essa história, tem um significado ímpar na minha vida e história, e de todo o içoense que ama essa cidade”. (Entrevistado B)

“Icó para mim é história, é memória que traz o passado de um Brasil colonial, o ciclo da pecuária e couro, a história do Ceará tem o Icó como grandes momentos de expor o processo de urbanização, tendo inicialmente mais importância econômica que Fortaleza”. (Entrevistado C)

“Icó é a minha vida, é uma cidade pacata, povo bom, que é muito receptivo e acolhedor”. (Entrevistado H)

Os significados colocados pelos moradores com relação ao espaço construído podem ser entendidos através do conhecimento não apenas por sua experiência, mas também envolve a dimensão mítica, ou seja, aqueles espaços que remontam a dimensão de sua existência (Tuan, 1983) e que retratam a sua representatividade, evidenciada pela história construída na cidade desde o período colonial. Assim, a cidade de Icó e o seu patrimônio cultural são capazes de emergir sentimentos nos seus habitantes, nos quais revelam a afetividade e o pertencimento destes pelo lugar de pertencimento, construídos através das memórias e sentidos perpetuados entre as gerações (Delgado, 2005).

Através das falas dos moradores, é possível colocar que a identificação e os significados com sua paisagem imediata são construídos por meio das atividades cotidianas e a proximidade do indivíduo com o lugar, e que conforme Costa (2008, p. 152) são responsáveis por engendrar “[...] formas de espaço culturalmente construídas”, responsáveis por criar ‘memórias’ com relação a este espaço, marca principal de um acervo patrimonial.

Por meio dos significados colocados pelos moradores, é possível associar à noção de patrimônio cultural material, na qual se apresenta como forma, identificada por uma localização fixa estabelecida por um longo período, aparecendo carregada de caráter simbólico, dotadas de valores, crenças e significados, construídos por meio da relação direta entre o ser humano e o espaço em questão, observado e experimentado pelo sujeito a partir da sua vivência (Vasconcelos, 2022).

Com relação ao sentimento de bem-estar, podemos observar que os relatos dos moradores articulados ao patrimônio da cidade, em que o espaço urbano em sua historicidade torna-se em sua dimensão socioespacial algo significativo e que se transmuta em lugar de pertencimento.

“No Icó me sinto bem em todo lugar, porque todo mundo nos conhece, todo mundo é amigo, mas o meu local preferido é a igreja de Nosso Senhor do Bonfim, porque é lá que realizo minhas orações”. (Entrevistado A).

“Se for para escolher um espaço, escolho a Casa de Câmara e Cadeia, pois tem uma representatividade grande”. (Entrevistado B).

“Gosto do Largo, dessa praça aqui, eu fico sentado, olhando para a igreja do Bonfim o Sobrado do Barão do Crato, dá uma inspiração, que você se sente bem, porque você está rodeado de história”. (Entrevistado C)

“Da cidade, eu gosto dessa rua, a Rua Larga, o Teatro, as igrejas, a Cadeia Pública, é tudo muito lindo, eu admiro muito o Sobrado do Barão”. (Entrevistado D)

“Eu gosto da Praça, porque aqui passeio sossegado, é aqui que tomamos uma cerveja com os amigos”. (Entrevistado F).

Considerando as falas dos moradores com relação aos locais nos quais se sentem bem, é possível refletir sobre as paisagens culturais presentes no acervo patrimonial por meio da ‘experiência’, aparecendo, na perspectiva de Besse (2014a) como um encontro entre o ‘ser humano e o

mundo que se apresenta ao seu redor'. Assim, as ideias colocadas demonstram que a afetividade por essas paisagens é construída por meio das vivências, onde as atividades praticadas cotidianamente são entendidas como uma “exposição ao real”.

Mesmo com a paisagem sendo compreendida inicialmente como ambiente e espaço, o ato de os moradores de contemplar as paisagens está vinculado a ideia de presença do corpo, ao ser afetado fisicamente pelo mundo em sua volta, ou melhor, nas palavras de Besse (2014a), pelas “[...] texturas, estruturas e espacialidades”, capazes de tornar esta experiência um acontecimento, contribuindo para se alcançar a realização das necessidades humanas e construir o sentimento de bem-estar.

As práticas cotidianas desenvolvidas pelos moradores com relação à paisagem qualificam esta como “vernacular”, levando em conta que o “habitar” não está associado apenas a ideia de criar raízes, mas também a construção de hábitos nos

quais validem o ‘modo de vida, usos, práticas’ dessas pessoas. Assim, para os fenomenólogos, a noção de habitar encontra-se vinculada ao ‘mundo da vida’, onde Besse (2014a) coloca que este mundo da vida comum e cotidiano seria a paisagem, colaborando para a compreensão das experiências vividas pelos habitantes no Centro Histórico de Icó.

Cada vivência colocada pelos moradores nas paisagens culturais ligadas ao acervo patrimonial evidenciam a proposta, na qual articula a experiência de mundo que o ser humano tem e que se projeta através do corpo, onde o reviver dessas experiências são construídas através do pensamento, contribuindo para a construção de memória, imaginação e valoração, fazendo com que aquele espaço seja habitado como nenhum outro ser habita (Freire, 2019).

A figura 5 demonstra os espaços do Centro Histórico e a vida cotidiana dos moradores, contextualizando hábitos nos quais contribuem para a construção de vínculos afetivos e simbólicos.

Figura 5

Mosaico de hábitos cotidianos dos moradores nos espaços do Acervo Patrimonial de Icó.



Fonte: Elaboração Própria, 2024.

4. Considerações Finais

As conversas realizadas no Centro Histórico de Icó e as proposições colocadas pelos moradores, evidenciaram as paisagens culturais nas quais se revelou o bem-estar e o simbolismo por meio das experiências vividas nesse acervo patrimonial, assim como as memórias dos habitantes construídos no patrimônio cultural icoense.

O processo de patrimonialização torna o bem “cultural”, na medida em que este adquire valor, seja simbólico ou afetivo, por meio da sua percepção, no qual se insere no mundo dos valores do indivíduo que vivencia este espaço. Nesse contexto, o patrimônio icoense, a partir do acervo material e imaterial, se configura como portador de caráter simbólico, transmitindo significado e valores.

O bem-estar dos moradores pelas paisagens culturais localizadas no espaço patrimonial icoense é solidificado por meio das memórias construídas através das vivências desenvolvidas, contribuindo para a construção de afetividade por este espaço, considerando que o patrimônio cultural, enquanto preservação de bens históricos, apresenta a capacidade de manter vivo os acontecimentos na mente das pessoas, transmitindo para novas gerações.

Assim, as histórias vividas pelos moradores associadas ao espaço patrimonial icoense aparecem como ações simbólicas, por se apresentarem eivadas de significados para as pessoas, evidenciando a relação existente entre o homem e objeto, diante das experiências desenvolvidas e a construção de um conceito sobre este.

O significado de Icó para os seus moradores está vinculado à historicidade dos bens patrimoniais revelados tanto na dimensão do material quanto do imaterial. É importante ressaltar também o envolvimento dos moradores com as formas simbólicas espaciais em um contexto de uma paisagem cultural que aparece como instrumento de preservação patrimonial, pois conforme Corrêa (2010, p. 13) “o passado pode ser visto como um texto incompleto, cuja leitura permite, mais do que o presente, interpretações diversas, possibilitando reconstruções adequadas às vicissitudes de cada momento e de cada grupo social”. Desse modo, as formas simbólicas espaciais em Icó contribuem para estabelecer um vínculo entre o passado e o presente e que se especializa no cotidiano.

As práticas cotidianas desenvolvidas pelos moradores de Icó são reveladoras de uma construção de hábitos e o modo de vida nesses espaços, contribuem para a construção da afetividade e pertencimento por essas áreas. Partindo disso, cada experiência construída pelas

pessoas nesse local, condiciona a formulação de memórias, histórias e a construção de uma valoração afetiva.

Através do sentimento de pertencimento manifesto por seus moradores com o patrimônio construído, as definições de Icó aqui expostas, expressam o sentimento de identidade e estabilidade com a paisagem cultural, e que revelam também uma trama na qual a dimensão simbólica da cidade, conferem aquela paisagem um sentido de lugar e consoante com Relph (2012), podemos afirmar que moradores de Icó manifestaram uma apreciação das qualidades da paisagem urbana.

As expressões articuladas pelos moradores com relação ao espaço patrimonial icoense revelam as paisagens eivadas de simbolismo, levando em consideração as representações, significados e valores presente nessa área, que contribuem para a criação de uma identidade construída socialmente e expressa espacialmente (Zanatta, 2008).

Assim, os símbolos presentes no espaço patrimonial icoense por meio das ideias propostas pelos seus habitantes, contribuem para a afirmação do sentido atribuído a um indivíduo ou grupo, no qual são reconhecidos por uma particularidade, identificando trajetórias de vida, sendo este produto da transformação humana (Costa, 2008).

Incorporado a simbologia, a paisagem cultural do acervo patrimonial de Icó apresenta, através das falas dos moradores, o vínculo destes com o espaço histórico, considerando as diversas maneiras como as pessoas a enxergam, além das vivências internas dos indivíduos com essas paisagens (Melo, 2001).

As entrevistas realizadas e as proposições colocadas contribuíram para cumprir os objetivos traçados, fomentando as pesquisas na área de geografia cultural e humanista, ao enfatizar as discussões vinculadas ao bem-estar da paisagem cultural, considerando-a como elemento chancelado pelo Iphan na política de preservação patrimonial, discutindo sobre a afetividade e o simbolismo no Centro Histórico de Icó.

5. Contribuição dos autores

José Werlon Ferreira de Souza: conceitualização; metodologia; escrita original; preparação do texto original; revisão e edição; recursos financeiros; levantamento de dados; administração do projeto.

Otávio José Lemos Costa: conceitualização; metodologia; análise formal; escrita original; preparação do texto original; revisão e edição; recursos financeiros; levantamento de dados; administração do projeto.

6. Referências bibliográficas

- Almeida, T. (2022). A Imaterialidade do Patrimônio Arquitetônico: um olhar sobre a Basílica Menor do Santíssimo Salvador em Campos dos Goytacazes, RJ. *Rocalha-revista eletrônica do CEPHAP-UFSJ* 3(3), 137-158.
- Almeida, A. (2006). Paisagens: um património e um recurso. In R. Jacinto, V. Bento (Ed.). *O interior raiano do Centro de Portugal. Outras fronteiras, novos intercâmbios.* (pp. 31-42).
- Almeida, M. (2020). O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo. *Geograficidade* 10, 38-47. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a40096>
- Arruda, S. (2021). *Casa, Habitar e Paisagem Vernacular: experiências geográficas do sertão cearense.* (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia.* Bauru: Edusc.
- Besse, J. (2010). Ver a terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. *GEOgraphia*, 8(15), 143–149. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2006.v8i15.a13517>
- Besse, J. (2014a). Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. *GEOUSP Espaço e Tempo*, 18(2), 241-252.
- Besse, J. (2014b). *O gosto do mundo: exercícios de paisagem.* Rio de Janeiro: Eduerj.
- Buttimer, A. (1974). Values in Geography. *Progress in Human Geography*, 20(4), 513–519. <https://doi.org/10.1177/030913259602000405>
- Carsalade, F. (2011). *Desenho contextual: uma abordagem fenomenológico-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo homem.* (Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Chizzotti, A. (2013). *Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais.* Petrópolis: Ed.Vozes.
- Cosgrove, D. (2004). Mundos de significados: Geografia cultural e imaginação. In R. Corrêa. & Z. Rosendahl (Org.). *Geografia Cultural: Um Século* (pp. 92-123). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Corrêa, R. & Rosendahl, Z. (1998). Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In R. Corrêa & Z. Rosendahl (Ed.). *Paisagem, tempo e cultura.* (pp. 7-11). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Corrêa, R. (2010). Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. *GEOgraphia*, 9(17), 99–111. [10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13530](https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13530)
- Costa, O. (2013). Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Espaço e cultura*, 15, 149-156. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2003.7731>
- Costa, E. (2012). Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX. *Finisterra*, 47(93), 5–28. <https://doi.org/10.18055/Finis1255>
- Collot, M. (2012). Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In C. Negreiros, M. Lemos & I. Alves. (Ed.). *Literatura e paisagem em diálogo* (p. 11-28). Rio de Janeiro: Edições Makunaima.
- Declaração do México. (2011). *Conferência mundial sobre políticas culturais.* Cidade do México: ICOMOS.
- Delgado, A. (2005). Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”. *Horizontes antropológicos*, 11, 113-143. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100007>
- Durso, F. (2023). Abordagens sobre Memória Social à luz do Patrimônio Cultural. *Revista de Ciências Humanas*, 1(23), 198–222.
- Iphan. (1997). *Estudo para tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Icó –Ceará. 4ª Coordenação Regional do IPHAN (CE/RN).*
- Iphan. (2009). *Paisagem Cultural.* Brasília: Iphan.
- Icó. (2023). *Prefeitura Municipal de Secretária de Cultura. Dados do município.*
- Felippe, J. (2017). *Cartografias valorativas de Sabará-MG a essencialidade da cidade patrimonial metropolizada.* (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília.

- Flores, A. & Boch, Q. (2010). Políticas públicas e patrimônio cultural, resgate da história e afirmação da identidade de um povo: estudo de caso em cidades turísticas da serra gaúcha. In *Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI*. Fortaleza, Brasil.
- Freire, J. (2019). Patrimônio (s) Cultural (is): Abordagem fenomenológica para estudos de patrimonialização. *PatryTer*, 2(4), 83-99. <https://doi.org/10.26512/patryter.v2i4.22999>
- Gemente, B. & Carvalho, A. (2014). A chancela da paisagem cultural brasileira em Santa Catarina: possibilidades e desafios. In *II Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis.
- Junior, M. (2018). Patrimônio cultural e a institucionalização da memória coletiva no Brasil. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, 1239 (XXIII).1-13. <https://doi.org/10.1344/b3w.0.2018.26489>
- Marandola Jr, E. (2003). Londrinás” invisíveis: percorrendo cidades imaginárias. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Marandola Jr, E. (2005). Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. *Terra Livre*, 2(25), 67-79. https://doi.org/10.62516/terra_livre.2005.398
- Marandola Jr, E. (2008). Mapeando “londrinás”: imaginário e experiência urbana. *Geografia*, 33(1), 103-126.
- Marandola Jr, E. (2014). *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. São Paulo, Editora Blucher.
- Minayo, M., Deslandes, S. & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.
- Melo, V. (2001). Paisagem e Simbolismo. In Z. Rosendahl & R. Corrêa (Ed.). *Paisagem e simbolismo*. (p. 29-48). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Norton, W. (2000). *Cultural geography: Themes, concepts, analyses*. Oxford University.
- Pesavento, S. (2008). História, memória e centralidade urbana. *Revista Mosaico-Revista de História*, 1(1), 3-12. <https://doi.org/10.18224/mos.v1i1.225>
- Pereiro, X. (2006). Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. *Revista Adra*, 1, 23-41.
- Relph, E. (2012). Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In E. Marandola Jr; W. Holzer & L. Oliveira. (Ed.). *Qual o espaço do lugar?* (pp. 17-32). São Paulo: Perspectiva.
- Ribeiro, W. (2007). *Paisagem cultural e patrimônio*. Iphan.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp.
- Rodrigues, D. (2017). Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. *Revista Ubimuseum*, 1, 45-52.
- Salgado, M. (2017). *Olhares sobre o patrimônio: a busca de significados da paisagem*. (Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais.
- Sauer, C. (1998). A morfologia da paisagem. In R. Corrêa; Z. Rosendahl; G. Marafon (Ed.). *Paisagem, tempo e cultura*. (pp. 12-74). Geo UERJ.
- Schama, S. (1996). *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia de Letras.
- Silva, R. (2020). *Geografia e fenomenologia: o patrimônio em aberto*. *GeoTextos*, 16(1). <https://doi.org/10.1344/b3w.0.2018.26489>
- Tuan, Y. (2013). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Editora Difel.
- Vasconcelos, Y. (2022). *De Vila Santo Antônio a casa do Português: O patrimônio cultural enquanto forma simbólica espacial inserida na paisagem urbana de Fortaleza-Ceará*. *Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 9(2), 73-84. <http://dx.doi.org/10.20873/uftv9-11019>
- Vital, A. (2017). *Santana do Acaraú-CE: o acervo arquitetônico como patrimônio do lugar*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zanatta, B. (2008). A abordagem cultural na Geografia. *Revista Temporis*, 9(1), 224-235.

7. Notas

ⁱ Pesquisa de doutorado financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP/Ceará).

ⁱⁱ Traduzido do livro “Cultural Geography: themes, concepts, analyses”.

ⁱⁱⁱ Tradução do livro “Values in Geography”.